

Carolina de Oliveira Silva Othero

MANOEL BOMFIM

e a escrita da
história como
orientação

EDITORA MILFONTES



Manoel Bomfim
EA ESCRITADA HISTÓRIA
COMO ORIENTAÇÃO



Copyright © 2021, Carolina de Oliveira Silva Othero.

Copyright © 2021, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Curadoria

Aknoton Toczek Souza (UNISECAL) • Alexandre Avelar (UFU) • Arthur Ávila (UFRGS)

Bruno Guimarães (UFOP) • Cíntia Vieira (UFOP) • Cláudia Viscardi (UFJF)

Diogo Silva Corrêa (UVV) • Dirce Solis (UERJ) • Fabiana Fredrigo (UFG)

Fabio Franzini (UNIFESP) • Flávia Varella (UFSC) • Georgia Amitrano (UFU)

Gessica Guimarães (UERJ) • Julio Bentivoglio (UFES) • Karina Anhezini (UNESP FRANCA)

Marcelo Moraes (UERJ) • Marcelo Rangel (UFOP) • Maria Da Glória Oliveira (UFRRJ)

Pablo Ornelas (UVV) • Rafael Haddock-Lobo (UFRJ) • Ueber de Oliveira (UFES)

Valdeí Araujo (UFOP)

Cartas aos Leitores

Caro(a) leitor(a),

Estudar as mais diferentes escritas da história ao longo do tempo pode ser um modo de provocar os historiadores e intelectuais do presente, apresentando novas questões acerca das possíveis funções cognitivas e políticas que o conhecimento histórico pode assumir no mundo. O livro que você tem em mãos busca investigar a escrita da história de Manoel Bomfim, um intelectual que, em meados da década de 1920, escreveu uma série de três ensaios sobre a formação histórica do Brasil, apostando fortemente que a “importância prática da história” estava “em multiplicar as forças” dos que sabiam “utilizar as experiências do passado”. Para ele, o passado poderia ser força que impulsionava o presente em vez de retê-lo, desde que os vivos soubessem traduzi-lo em “orientação”. Talvez essa palavra, orientação, seja a que melhor exprima a função atribuída à história para Bomfim, uma vez que ele considerava que, naquele momento, o Brasil vinha sendo conduzido “aos trancos de cego desorientado”, incapaz de vislumbrar “a rota” em que prosseguia. Seus ensaios buscavam responder a dilemas urgentes daquele momento, especialmente a terrível crise de legitimidade pela qual passava a República brasileiras. Bomfim e muitos outros intelectuais foram buscar no passado respostas para tal crise, acreditando que era preciso não apenas conhecer os processos históricos que configuravam o presente, mas também nutrir uma relação afetiva com os “sonhos de liberdade e justiça”, “anseios” e “vozes de esperança” que existiram no passado e poderiam ser reintegrados ao mundo dos vivos.

Quase um século depois, acredito que a escrita da história de Bomfim pode suscitar muitas questões para nós, mulheres e homens do presente. Sem dúvida, o autor, outros intelectuais e historiadores que aturam naquele contexto histórico não podem ser tomados como modelos de atuação intelectual no espaço público ou mesmo de escrita da história, uma vez que vivemos em um mundo muito diferente do deles. No entanto, talvez possamos, em diálogo com seus textos e projetos político-culturais, repensar nossa atuação no presente, como historiadores, professores, pesquisadores e até

mesmos cidadãos de uma democracia que, em meio a uma pandemia e um governo com fortes traços autoritários, vive um forte período de crise e desorientação. Afinal, não desejamos também que o conhecimento histórico seja força que oriente os vivos na construção do futuro? Em um momento marcado pelo presentismo e por uma grande desvalorização das ciências humanas, o estabelecimento de uma relação cognitiva, mas também afetiva com as experiências passadas não teria um potencial transformador?

Acredito que essas são apenas algumas de muitas questões que podemos formular a partir do diálogo com esses intelectuais que, no começo do século XX, apostaram no poder da história *de orientar os vivos*. *Espero que o leitor possa elaborar muitas outras questões a partir da leitura desse livro e que se sinta estimulado pelos debates e dilemas que perpassavam o mundo político, cultural e intelectual naquele contexto, como eu fiquei ao longo de minha pesquisa. Por fim, gostaria de agradecer a editora Milfontes por incluir este trabalho no catálogo de clube de livros Ethos. Boa leitura!*

CAROLINA DE OLIVEIRA SILVA OTHERO

**Manoel Bomfim
EA ESCRITA DA HISTÓRIA
COMO ORIENTAÇÃO**

Coleção ETHOS - Nosso Clube

Volume VIII



EDITORA MILFONTES
Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O87m OTHERO, Carolina de Oliveira Silva.
Manoel Bomfim e a escrita da história como orientação/ Carolina de Oliveira Silva Othero. Coleção Ethos - Nosso Clube. Volume 8.
Vitória: Editora Milfontes, 2021.
328 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-56-9

1. Manoel Bomfim 2. Nação 3. Escrita da História I. Othero, Carolina de Oliveira Silva II. Título.

CDD 920.71

13 Prefácio

21 Introdução

41 PARTE 1

**A escrita da história e a
configuração do tempo da nação**

49 I. O problema da tradição e o tempo histórico

87 II. A formação do Brasil e a temporalidade da nação

127 PARTE 2

**A escrita da história entre
símbolos e metáforas**

135 III. A tradição como “tessitura de símbolos”:
a dimensão histórica da linguagem

161 IV. A formação nacional e as palavras

191 V. O intelectual, o historiador e o mundo dos
símbolos: a palavra que é ação

219 PARTE 3

A escrita da história e a república

229 VI. Essa não era a república dos meus sonhos:
a escrita da história e os males do presente

267 VII. A escrita da história, a república e o
futuro da nação

307 Considerações finais

Prefácio

Manoel Bomfim entre conceitos e metáforas

Entre a dívida e a partida, uma possível identificação e o necessário, e por vezes difícil, luto que estabelece uma separação, o estudioso da historiografia se coloca na tarefa de se interrogar sobre o que sujeitos do passado, como Manoel Bomfim, fizeram da história. Sua preocupação maior é, sem dúvida, com as formas da escrita da história no presente, sobretudo com a possibilidade de multiplicar as compreensões sobre o que significa a prática historiadora.¹ Desnaturalizar a solidificação das tradições produzida pela passagem do tempo ou, como diria Manoel Bomfim, liberar o presente “aliviando-o de todo peso morto”, eis uma tarefa singularmente complexa. Se algo dessa preocupação parece ecoar Bomfim, certamente ela torna-se o principal desafio enfrentado por Carolina Othero em *Tradição, linguagem e orientação*, livro que foge completamente a certos lugares comuns acerca de um autor significativamente retomado nos últimos anos (aos olhos de hoje, Bomfim parece longe da imagem do “rebelde esquecido”, que deveria ser estudado por ter sido colocado fora do cânone). Um conjunto de frutíferas escolhas, associado a uma sensibilidade analítica bastante incomum, tornaram possível, assim, o surgimento de um outro Bomfim, mais um, que não necessariamente se choca com aqueles de abordagens anteriores, mas ganha contornos específicos e permite colocar novos questionamentos sobre o que significa fazer historiografia.

A primeira dessas escolhas envolve o material selecionado para a análise, como a feliz ousadia de enfrentar a volumosa trilogia

¹ Sobre a escrita da história como exercício do luto, o significado de investigar “o que foi feito da história” (por Freud, no caso) e os sentidos mais aprofundados da expressão “fazer história”, Cf. CERTEAU, Michel de. *La fable mystique I (XVIe - XVIIe siècle)*. Paris: Gallimard, 1982, p. 9 et seq; *Idem. L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

de Bomfim: *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e *O Brasil Nação* (1931). Material substancioso para uma dissertação de mestrado, verdadeiramente desafiador, sumamente rico pela forma arguta e imaginativa de escrita do autor, complexo por representar ao mesmo tempo a tentativa de produzir um ensaio coerente sobre a história brasileira e por conter particularidades formais e, mesmo, ideias e pensamentos que singularizam cada um dos três livros. Ciente dessas particularidades, Carolina Othero tratou de indicá-las, mas não se deixou intimidar pelas descontinuidades, comprovando também a existência de certas permanências conceituais que permitem apontar um projeto historiográfico e, sobretudo, um projeto de vida, conforme se pode notar pelas concepções de Bomfim sobre o papel dos intelectuais, sobre o significado da escrita da história como “orientadora”, sobre a relevância das práticas pedagógicas e da ação política (a própria escrita sobre o passado, conforme demonstrou Othero, era também um modo de agir para o autor, não devendo ser descolada de outras atividades, como, por exemplo, sua longa permanência na direção do *Pedagogium*, o museu pedagógico brasileiro).

Ainda no que diz respeito ao material de análise, por outro lado, a maior e mais feliz ousadia não está no enfrentamento da trilogia, mas sim no confronto entre esse conjunto de livros (iniciados, ao menos, desde 1925) e a obra *Pensar e Dizer*, publicada poucos anos antes (1923) e, salvo raras exceções, completamente ignorada pelos historiadores. Essa simples escolha suscita uma questão: o que fez os historiadores deixarem de lado essa obra fundamental? Como nos mostra Carolina Othero, é por meio de *Pensar e Dizer* que podemos perceber, na sua maior riqueza, toda a centralidade da preocupação de Bomfim com o papel do mundo simbólico na vida humana, com o poder criador da imaginação, com as relações entre experiência e linguagem. Tratando-se de um autor tão cioso do emprego de metáforas, que fez farto uso dessa e de outras figuras de linguagem, configurando uma poética historiográfica bastante peculiar, quais as implicações de negligenciar justamente o livro no qual ele mais refletiu sobre a importância do simbólico na vida das coletividades humanas?

Ou mais: quais as implicações disso para o exame da sua prática historiográfica? O livro de Carolina Othero, nesse caso, inverte o esperado, demonstrando que o maior risco não é exatamente o de enfrentar *Pensar e Dizer*, mas o de desconectá-lo de sua atividade de historiador, compartimentando a obra de Bomfim entre diferentes campos de saber, cujas próprias historicidades (e, portanto, sua constituição como disciplinas autônomas) devem ser alvo de interrogação historiográfica.

Esse ponto é muito importante, pois ele envolve justamente uma escolha diferenciada em relação à maior parte dos estudos sobre Bomfim, geralmente premidos pela necessária identificação de sua obra com o campo da sociologia, da psicologia, da pedagogia ou da história. Divisão que parece não apenas reproduzir limites que talvez o próprio Bomfim não impusesse tão estritamente à sua produção intelectual, mas, por vezes, parece mimetizar uma disputa pelo cânone cujo risco é justamente o de naturalizar fronteiras que poderiam se tornar elas mesmas o problema da investigação. Afinal, uma das maiores riquezas da obra de Bomfim não estaria nesse cruzamento das fronteiras? Não há dúvida de que essa circulação de Bomfim pela sociologia, pela psicologia, pela pedagogia e pela história guardava relação com o estado menos definido dos campos disciplinares e com a maior abertura das atividades letradas em sua época, mas tal fato não retira das pesquisas sobre suas práticas intelectuais a potencialidade crítica que nos permite justamente repensar o enrijecimento de fronteiras tão em voga nos dias de hoje.

Todas as reflexões de Bomfim sobre o significado e as formas de alteração das tradições, centrais para a compreensão de sua escrita da história, de sua forma de entendimento da temporalidade, da superação do passado e do surgimento do novo, ganham contornos até então impensados se confrontadas com as teses de *Pensar e Dizer*, renovando de modo substancial a compreensão que temos do autor de *América Latina: Males de Origem*. Aliás, essa é uma outra feliz escolha do livro de Carolina Othero, que ajuda a compreender sua capacidade de fugir dos lugares comuns em relação à obra de Bomfim: como ela aponta, talvez muitas das teses permeadas pela lógica dualista do “resgate”

ou da “condenação” do autor, que repercutem em binarismos como objetividade/subjetividade, ciência/arte, progressista/conservador, guardem relação com uma projeção das teses do livro *América Latina: Males de Origem* para outras de suas obras. Isso não quer dizer, é claro, que não existam importantes estudos sobre os livros que compõem a trilogia de Manoel Bomfim, ou mesmo análises relevantes sobre *Pensar e Dizer*, mas apenas que ambas não parecem ter sido as partes mais analisadas de sua produção intelectual, o que ocorreu menos ainda com o pormenorizado confronto entre elas.

Uma problematização das fronteiras: essa poderia ser uma qualificação pertinente para o livro de Carolina Othero, que conjuga preocupações com a poética historiográfica de Bomfim, os recursos narrativos, o quadro de conceitos e metáforas por ele empregados, com interrogações próprias da história intelectual, do estudo das temporalidades históricas e do campo de pesquisas sobre as “linguagens políticas” (o qual, vinculando-se com a “história dos conceitos” de corte kosellekiano, certamente o ultrapassa, já que foi bastante alargado pelos diálogos estabelecidos com outras tradições teóricas). E foi justamente a riqueza dessa mescla de diferentes formas de abordagens que permitiu a Carolina Othero nos apresentar a possibilidade de “mais um” Bomfim. Nesse “novo” Bomfim, a crítica aos personagens do passado e as adjetivações contundentes não resultam apenas de uma parcialidade ou de uma atitude mais ou menos “progressista”, mas de uma compreensão da afetividade como um elemento essencial da escrita da história. Bomfim se impacientava, se locupletava, vibrava, xingava, ironizava, enfim, era tomado de diferentes tipos de emoção ao referir-se aos personagens e aos eventos passados. Mas, isso não ocorria por uma perda momentânea de objetividade por parte do historiador de corte historicista, nem pela visão simplista de que o passado é uma construção pura e simples do presente, podendo-se fazer qualquer coisa com a tradição. A linguagem carregada de emotividade de Bomfim na trilogia, quando confrontada com as teses de *Pensar e Dizer*, adquire um novo significado, tendo em vista a relevância de sua preocupação com a natureza simbólica, fundamentalmente poética, do trabalho de refiguração das “tradições”.

É interessante notar que, se a noção de “tradição” (já apontada como central para Bomfim por outros analistas) envolvia a emotividade e a afetação daquele que escreve sobre o passado, ela parece remeter também para uma preocupação com as sensações produzidas nos próprios leitores. Talvez apenas isso possa explicar como a relevância conferida à afetividade do historiador se conjugava com um emprego sofisticado dos recursos conceituais e de outras figuras linguísticas, como no vasto e rico uso de metáforas, indicativo de que essa emotividade do historiador não se confundia com uma escrita apenas impulsiva e pouco refletida. Não poderia ser de outra forma, claro, pois seria esperar muito pouco do autor de uma obra complexa como *Pensar e Dizer*, que argumentava que “em todas as sociedades os primeiros criadores do pensamento organizado foram os poetas”, acreditar que a escrita da história se resolveria por adjetivações irrefletidas. Mas, a percepção mais aprofundada de todas as implicações do uso complexo que Bomfim fez da linguagem na trilogia, agora podemos saber com o estudo de Carolina Othero, não pode prescindir do conhecimento das sofisticadas teses do autor sobre o papel da imaginação e do simbólico na construção dos laços comunitários elaboradas em *Pensar e Dizer*. A metáfora era amplamente empregada na trilogia por um autor que já havia refletido, em uma obra em particular, sobre o seu significado e sua potência criadora.

Nesse sentido, o “novo” Bomfim permite perceber também a convivência de uma concepção processual do tempo, nos já esperados moldes historicistas, com uma reflexão mais complexa sobre a necessidade de refigurar a tradição por meio do estudo de toda a potencialidade existente no passado, numa espécie de exercício intelectual que faz lembrar as melhores teses benjaminianas ou as mais recentes indagações ricoeurianas sobre “o efeito retroativo do futuro sobre a memória e a história por meio de um olhar para as promessas não cumpridas no passado”.² Buscando “desenterrar” os “tesouros perdidos” da “verdadeira tradição republicana brasileira”,

2 Cf. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994; RICOEUR, Paul. *La lectura del tiempo pasado: memoria y olvido*. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 1999, p. 74 *et seq.*

a escrita de Bomfim pode estimular a lembrança da crítica de ambos os autores mencionados à mortificação do passado, à desconsideração do valor das utopias, paixões e expectativas de futuro, as quais, num determinado presente, constituíram projetos cujo esforço da história escrita pelos vencedores foi, depois, o de apagar da memória. Contra o “panorama de cemitérios” de Varnhagen, ou mesmo o tratamento purista da língua nacional pelos “gramáticos amantes de cadáveres”, Bomfim reivindicava o papel da imaginação na transformação das “tradições” e, portanto, de tudo aquilo que, “do passado, já é peso morto”. Sua concepção de passado, como mostra Carolina Othero, era complexa e múltipla:

E o passado, subsistente como influxo, vive em cada um de nós, multiplica-se em efeitos que premem o presente em vez de retê-lo, e o conduzem tanto mais eficazmente quanto melhor compreendermos seu lineamento e o traduzimos em orientação.³

Traduzir o passado em “orientação”, como se vê, era um projeto intelectual e historiográfico que expressava uma forma sofisticada de compreensão da temporalidade histórica, por meio da qual os aspectos mais vívidos da tradição apareciam manifestos em “clarões”, “lampejos”, ou seja, novamente um tratamento histórico que traz à lembrança algo das “imagens dialéticas” benjaminianas ou as críticas mais recentes à incapacidade poética da historiografia hegemônica de abrir espaço para os eventos, para as “brechas”, para as “rupturas instauradoras”.⁴ Sem dúvida, não se pretende aqui transportar Bomfim para uma crítica à *longue durée* braudeliana *avant la lettre*, muito menos transformá-lo novamente em um precursor das ideias de autores dos quais sequer poderia ter tido conhecimento, mas apenas apontar como, lido à luz das interrogações de autores hoje revisitados (como sempre acontece em qualquer exercício historiográfico, mesmo que com todos os cuidados em relação ao risco do anacronismo, um temor, aliás,

3 Trecho de *O Brasil na História*, citado por Carolina Othero.

4 Sobre as “imagens dialéticas” em Walter Benjamin, conferir DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2014. Sobre a noção de brecha, ver MORIN, Edgar *et al.* (org.). *Mai 68: la brèche suivi de Vingt ans après*. Paris: Fayard, 2008. Sobre a noção de “ruptura instauradora”, consultar CERTEAU, Michel de. La rupture instauratrice ou le christianisme dans la culture contemporaine. In: CERTEAU, Michel de. *La faiblesse de croire*. Paris: Seuil, 1987.

que, como demonstrou Jacques Rancière, esconde também uma compreensão determinada da temporalidade)⁵ e de um confronto menos esperado de obras antes não colocadas em diálogo, Bomfim pode ganhar muitas colorações diferentes. E, certamente, mais vale multiplicarmos os Bomfins do que aprisioná-lo em classificações fáceis e reificadoras, as quais mais impedem do que facilitam sua compreensão (“republicano”, “socialista”, “progressista”).

Nada melhor para isso, evidentemente, do que o estudo aprofundado da escrita da história de Bomfim, analisando pormenorizadamente o quadro conceitual e os demais recursos linguísticos por ele empregados, fazendo as interrogações teóricas que permeiam a pesquisa ganharem as cores vivas que Bomfim tanto pareceu buscar no passado. Nesse caso, a teoria não chega depois da investigação, mas permite formular os problemas da pesquisa. Se, como nos diz Michel de Certeau, a estética corresponde à ética no campo da linguagem,⁶ sem dúvida, o estudo de Carolina Othero indica não apenas um belo emprego e uma profunda interrogação sobre a poética historiográfica, mas também um comprometimento ético que engrandece a pesquisa universitária em um momento em que tanto precisamos de exemplos que indiquem a relevância de nosso trabalho. O leitor tem em mãos, portanto, uma excelente investigação historiográfica, cuja leitura produz um Bomfim ainda “vivo” o bastante para nos fazer pensar sobre a nossa própria prática como historiadores. De certa forma, os “mortos” continuam sua atividade de “orientação” dos “vivos”, a despeito da vontade desses últimos.

Douglas Attila Marcelino

Belo Horizonte, 25 de janeiro de 2021.

⁵ Cf. RANCIÈRE, Jacques. Le concept d’anachronisme et la vérité de l’historien. *L’Inactuel*, Paris, n. 6, 1996.

⁶ CERTEAU, Michel de. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard, 2016, p. 152.